

**Carta colectiva nº 2 sobre:  
“Os Desastres de Sofia” na fria Varsóvia**

Alô, alô, aqui Warszawa (Varsóvia)!

Desculpem continuar em “cartas colectivas”, mas são muitos os pedidos de notícias. Então tem que ser assim. Espero que estes "Desastres de Sofia" vos vão divertindo.

Notícias do magnífico plátano a entrar pela janela dentro: quase todas as folhas cobrem o chão: aqui falam de outono, para mim “e minha circunstância” isto já é inverno puro e duro: temperaturas descendo aos 0 graus à noite, cinzento, cinzento, cinzento, a chuva gelada da semana passada parou mas o sol não se atreveu, Ticha no seu casaco acolchoado, capuz e cachecóis caminhando a pé cerca de 40 minutos para chegar à universidade, não sabendo bem, dado o volume, se se trata já de... uma Matrioska bem volumosa que a cada momento pode rolar pelo chão!

A residência universitária parece um hotel do tempo dos soviets, algumas coisas mal cuidadas. Mas o meu quarto é óptimo, espaçoso, uma boa secretária para trabalhar, toda a luz possível vinda da grande janela, permitindo-me grande auto-suficiência, TV plasma (mas só canais polacos o que me habitua à musicalidade da língua enquanto preparo as aulas), casa de banho limpíssima e um bom pequeno almoço. Os espaços para cozinhar são horríveis, pequenos, pouco limpos porque há muitos estudantes – à porta de um quarto perto do meu lê-se: Free Libia! E mostra-se a bandeira! - e o cheiro dos cozinhados não é grande coisa. Portanto não os uso, *c'est tout!* Mas nada de cheiros que entrem para o meu quarto o que é bom. Chá semprequentinho. O telefone do quarto avariado. Tive que escolher entre telefone e plátano a entrar pela janela, fiquei-me pelo plátano...

No passado domingo fui a uma missa numa igreja lindíssima, barroca, circular, mas não imaginam, a missa era dos tempos pré-conciliares – só o Padre estava virado para a frente e falava polaco (antes fosse latim, perceberia melhor...). Enorme separação entre fiéis e celebrante, cancela de ferro forjado a fechar-se para a comunhão, as pessoas ajoelhadas. Nesta minha típica irreverência fiz tudo como “deve ser” mas não resisti a estender as mãos e não a língua e o jovem padre, a medo, e depois de alguma hesitação, quase que atirou a hóstia para a minha mão... assim evitei que ir ter uma conversazinha na sacristia caso me tivesse recusado a comunhão... Mas os cânticos eram LINDÍSSIMOS

(vozes eslavas!!!) com um soprano acompanhada de órgão a ecoar na abóbada. Cerro os olhos ou passeio-os pelo tecto e concentro-me... e as leituras do dia, no meu caderninho das Paulinas são magníficas! Não têm explicação os sentimentos!

Andei, andei – não chovia, que bom! Tentei visitar o museu Chopin mas estava cheio pelas costuras – no dia seguinte era feriado nacional na Polónia e a cidade está cheia de turistas. Mas fui ao parque onde está a estátua de Chopin, e sentei-me um bocadinho, havia um som de fundo de uma mazurka mas, não aguentando mais o frio, vim para o quentinho do meu quarto com a mazurka nos ouvidos gelados. Andei quase 4 horas, com 2 paragens, uma para a missa outra para almoçar uma salada!!! Um substituto para o meu ginásio *Mega Crack* lisboeta e as suas passadeiras...

No dia do feriado nacional, 2ª feira, a minha amiga Teresa Ogrodzinska – desde 1999, a 1ª vez que vim à Polónia - veio-me buscar para irmos almoçar com um antigo psicólogo da Fundação Komenius, Mikolaj, que vive fora de Varsóvia numa casa junto a uma magnífica floresta. Primeiro, um enorme passeio pela floresta, linda, linda, árvores altíssimas, corvos e esquilos, mais uma vez famílias com seus bebés nos carrinhos muito agasalhados, mas muito espaço vazio...uma bênção. Quase nos perdemos mas lá regressámos ao quente da casa, à nossa espera uma sopa bem quente de cogumelos *verdadeiros* com natas. Capricho dos deuses. Em amena cavaqueira fomo-nos deixando ficar na conversa frente à janela enorme e às árvores despidas do jardim. Mais tarde vieram panquecas de batata com salada de salmão frio, ou carne estufada, tudo com paladares de ervas que desconheço e tãooo bons. No final, apesar de andar a controlar o que como – a comida polaca é típica de países frios, com muitos carbo-hidratos... -, uma tarte de sementes de papoila... e um *cheese cake*... para continuar o tal saborear que toca a estética!

Só mais um evento feliz da *Sofia*... de regresso de um jantar com duas pessoas que ainda não conhecia diretamente, a 1ª viagem de autocarro às 8.30 da noite, escuro como breu e grande parte dos transeuntes regressados a casa. Sabia que tinha de apanhar o 116 que me deixaria à porta. Comprar antecipadamente bilhetes num barraca de jornais, percebi que era assim. Dúvidas se estava no autocarro certo ou se iria para uma recôndita parte de Varsóvia ainda mais “escura” e vazia... Tentando olhar pelo vidro a ver se reconhecia alguma coisa. Confiando na providência divina, deixei-me ir... e cheguei ao meu quarto bem quente.

As aulas estão a correr muito bem, mais do que eu desejaria. Os colegas da Universidade estão a aproveitar bem da minha visita... Para a semana vou a Gdansk fazer um seminário na universidade. Pedi para ir de comboio para saborear a paisagem. A ver se temos tempo para deambular um pouco pela cidade. Os polacos trabalham muito! E eu estou numa mais inclinada para... *usufruir!*

Fico-me por aqui que tenho de sair para dar uma aula a um grupo que desconheço sobre um tema sempre diferente dos anteriores... um teste à minha criatividade e... *alguma ciência!*

Espero que todas/os estejam bem e, por favor, mandem notícias. Não imaginam como cada email caloroso faz falta apesar de, como podem ver, estar bem e... muito ocupada. Mas, confessando baixinho... a *Sofia, para além dos seus desastres*, tem mesmo que ter espírito de aventura! E o encontro com o Outro que é diferente é um desafio à moderna terminologia de *fronteira* e de *hospitalidade* que usei na lição de agregação! Das palavras aos actos!

Abraços redondos!!!

Ticha